

Cartografia dos encontros: Literatura, silêncio e mediação

Sabrina da Paixão Bresio

Universidade de São Paulo – São Paulo – Brasil

Resenha

Como caminhar entre a leitura e o silêncio, seja na mediação ou na leitura partilhada? A escritora argentina Cecilia Bajour partilha suas impressões e experiências em uma série de textos reunidos na obra lançada em 2023 pela editora Solisluna, em coedição com o Selo Emília.

Nascida em Cuba e naturalizada argentina, Bajour é uma referência latino-americana no campo da leitura literária e formação leitora. Mestre em Livros e Literatura para Crianças e Jovens, é docente de Literatura Infantil e Juvenil do Professorado Universitário em Letras na Universidade Nacional de San Martín, onde também coordenou o Programa de Leitura, Escrita e Literatura Infantil e Juvenil (PLELIJ). Entre 2002 e 2011, foi coordenadora acadêmica da pós-graduação em Literatura Infantil e Juvenil na *Escuela de Capacitación Docente (CePA)* de Buenos Aires. É crítica literária, escritora e consultora na área de livros e literatura infantojuvenil. No Brasil, também tem publicado *Ouvir nas entrelinhas – O valor da escuta nas práticas de leitura*, pela Editora Pulo do Gato (2012), além de entrevistas, artigos e conferências traduzidas.

Cartografia dos encontros reúne seis textos acadêmicos, entre artigos e conferências. Destes, três foram publicados em 2020 pela Biblioteca Nacional do Peru e abrem cada uma das três sessões temáticas que estruturam a edição brasileira. Incluindo mais três trabalhos, a autora os articula nos eixos *Literatura*, *Silêncio* e *Mediação*.

A primeira parte, *Literatura*, inclui os textos “Literatura, imaginação e silêncio: o não-dito como

lugar de encontro entre leitoras e leitores”, e “Jogo com palavras, palavras em jogo”. O primeiro trata da relação entre o não-dito como importante sustentação da imaginação. Partindo da pluralidade de acepções acerca da palavra *imaginação*, a autora destaca como, nos textos destinados a um público infantojuvenil, a construção de sentidos abertos, com o recurso da metáfora bem empregado na criação literária, colabora para a ampliação de sentidos da obra, para a ativação da imaginação e para a formação crítica e expansiva de leitores. Em oposição a essas obras que, como define, “abrem o jogo” para a cocriação leitora (p. 46), Bajour cita as obras restritas a fins didáticos-moralizantes, nas quais a literatura tem como finalidade dar uma lição ou indicar a conclusão “correta” da história, o que chama de textos verborrágicos. Do mesmo modo, enfatiza que não basta a escolha de livros que sugestionam esse jogo a partir de seus procedimentos metafóricos, do não-dito e dos absurdos poéticos; é necessária também a abertura da pessoa mediadora para acolher a coparticipação leitora, inclusive de seu silêncio perante o estranhamento.

“Jogo com palavras, palavras em jogo”, transcrição da conferência proferida no México durante o *XVII Seminario Internacional de Fomento a la Lectura* em 2014, se debruça sobre a dinâmica de jogo construída pelas autoras/es em livros infantojuvenis, e como a elaboração da narrativa visual conduz a metáforas, metonímias e hipérboles, sugerindo jogos literários ativados pela imaginação. Nessa ludicidade literária, a autora sublinha o medo adulto em se permitir jogar, tomando a proposição literária do jogo como algo restrito às “coisas de crianças” (p. 56). Finalizando, reafirma a leitura literária como uma

atividade que deve ser tomada por si, como ação primeira e não como meio ou pretexto para algo que está fora da leitura em si mesma, como na lógica produtivista e reducionista das experiências de leitura vigentes na atualidade.

Na segunda parte, os textos “O silêncio como voz aberta à escuta” e “A voz nasce do silêncio”, Bajour fundamenta o que conceitua por “silenciografia” e as formas pelas quais o silêncio habita nos atos de ler, falar e escutar. O ensaio que abre esta parte da obra situa os tipos de silêncio e sua constituição histórico-cultural, do silêncio que é o *continuum* da fala até o silenciamento impositivo e autoritário. A silenciografia escreve os movimentos singulares do silêncio no ato da leitura, suas vibrações, sua corporeidade e gestualidade na pessoa que lê. O silêncio dialógico implica uma escuta mais atenta e ativa, aberta à surpresa e ao espanto. Do mesmo modo, a existência do silêncio entre palavras corporifica a vocalização de uma leitura partilhada em voz alta, como a leitura de poemas e os ritmos que ele sugere.

Seguindo o mesmo fio condutor, o ensaio seguinte aprofunda a relação da pessoa mediadora com essa silenciografia. Proferido durante o 15º Encontro Internacional de Narrativa Oral ocorrido em Buenos Aires em 2010, a autora desenvolve duas qualidades do silêncio na oralidade: o que se dá na “trama da voz e do silêncio” (p. 103), e aquele que está nos textos. Observando o primeiro movimento, o silêncio conflui na vocalização da leitura em voz alta, onde um lê e os demais são “leitores de ouvidos e olhos” (p. 103), partilhando de uma voz silenciosa que, atenta, lê em conjunto.

Com relação ao silêncio nas obras literárias, Bajour retorna a tópicos trabalhados nos textos anteriores, sublinhando a verbosidade de certas obras e o temor ao silêncio que delas se desprende, no momento em que a pessoa leitora se acostuma a ler mais “o que se diz do que aquilo que se cala” (p. 116). Propondo um exercício provisório de cartografia de alguns dos silêncios presentes nas obras literárias, elenca a figura do narratário; as correlações entre o visível e o oculto, sobretudo na leitura de poesia contemporânea; e a concepção narrativa do não-dito

nos livro-álbuns como lugares de encontro com o silêncio.

A parte final do livro é dedicada ao tema da mediação de leitura, com os textos “Ficção e verdade: desafios atuais na mediação de leitura” e “Os ruídos do fazer”. Circunscrita no atual debate sobre os limites da ficção e da realidade e seus usos, Bajour se baseia em exemplos para demonstrar como a arte e a criação literária tensionam as concepções de verdade e realidade, afirmando a ficção e a fantasia como constituintes da experiência humana. A autora aponta o que chama de *desficcionalização* na literatura, um movimento recente de valorização de obras com caráter unidirecional, uniformizador e moralista, que carrega a literatura infantojuvenil (mas não apenas) de discursos dogmáticos e cientificistas que banalizam as demais camadas de significância da leitura.

Fruto de uma conferência proferida em Bogotá no 2º Encontro de Promotores da Fundação Letra Viva em 2009, o último texto se detém nas práticas de mediação e no fazer dos promotores de leitura em espaços públicos. Instigada pelo termo “promotor” de leitura, a professora questiona como não reduzir as ideias de experiência de vida e impacto da leitura a uma resolução individualista, e como as ações de promoção de leitura podem ter um impacto efetivamente social. Para isso, ela articula cinco nós, ou seja, cinco tópicos convergentes que cobrem: os usos políticos e publicitários de campanhas de promoção de leitura; a ação e a reflexão da pessoa mediadora sobre sua prática; o cuidado em não transformar a ação de leitura em espetáculo; a atuação sensível, política e sociocultural de mediadores e seus territórios; a relação com a escola nesta promoção de leitura e na frustração leitora.

De leitura fluida e ágil, nem por isso menos profunda, *Cartografia dos encontros* se configura como uma obra potente para introduzir reflexões importantes no tocante à mediação e a leitura literária, como também segue dialogando com os desafios atuais na formação docente e de mediadores/as cômicos da importância de se cultivar a imaginação e ficção para a constituição da pessoa. Cada texto mescla explanação com uma profusão de exemplos práticos de experiências diversas pela América Latina, bem como

poemas, referência a obras e autorias, notas explicativas que servem também de formação curatorial e bibliodiversa. Sua organização temática permite a leitura parcial, tornando-o um livro de referência acessível a estudantes, educadores e profissionais em formação continuada. Já a leitura total propicia um panorama rico que se complementa e indica, na triangulação mediação-silêncio-literatura, um mapa que convida a cocriar caminhos em direção a uma leitura acessível, crítica e democrática.

Referências

BAJOUR, Cecília. *Antidogmatismo e bibliotecas*. As bibliotecas, usinas do pensamento crítico. Tradução de Dani Gutfreund. Disponível em: <https://www.lugardeler.com/artigos-cecilia-bajour-bibliotecas> Acesso em 30 dez. 2024.

BAJOUR, Cecília. A voz nasce do silêncio. *Revista Emília* 04 fev. 2018. Tradução de Thais Albieri. Disponível em: <https://emilia.org.br/a-voz-nasce-do-silencio-2/> . Acesso em 30 dez. 2024.

BAJOUR, Cecília. *Cartografia dos encontros*. Literatura, silêncio e mediação. Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emília, 2023.

BAJOUR, Cecília. Juego con palabras, palabras en juego: vínculos posibles en la literatura y en la propuesta de lectura. *34 FILIJ. XVII Seminario Internacional de Fomento a la Lectura*, 2014 Disponível em: <https://interfaz.cenart.gob.mx/video/34-filij-xvii-seminario-internacional-de-fomento-a-la-lectura/> Acesso em 05 jan. 2025.

BAJOUR, Cecília. *Literatura, imaginación y silencio: desafíos actuales en mediación de lectura*. Lima: Biblioteca Nacional del Perú, 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.bnp.gob.pe/items/f9fd7f9c-25dd-4010-9213-8292889e26a6> Acesso em 02 jan. 2025.

BLOG COMPANHIA DAS LETRAS. *Silenciografias: Cecília Bajour e as histórias que o silêncio conta*. Entrevista e texto por Renata Penzani. 07 ago. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/bzNW>. Acesso em 30 dez. 2024.